

re-
zonExões
territoriais

**Com coletivo amasijo (México), Mujeres Creando (Bolivia) e Grupo Nzinga (Brasil)
realizado como parte da bolsa de pesquisa para curadores latino-americanos
oferecida para Catarina Duncan pelo Instituto de pesquisa Patricia Phelps de Cisneros e MoMa.**



6

Texto Curatorial
por Catarina Duncan



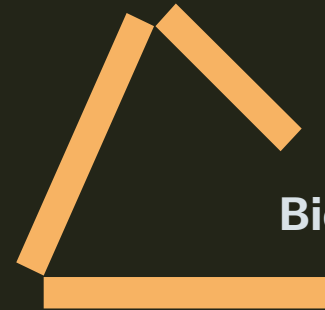
colectivo amasijo
15



Mujeres Creando
31



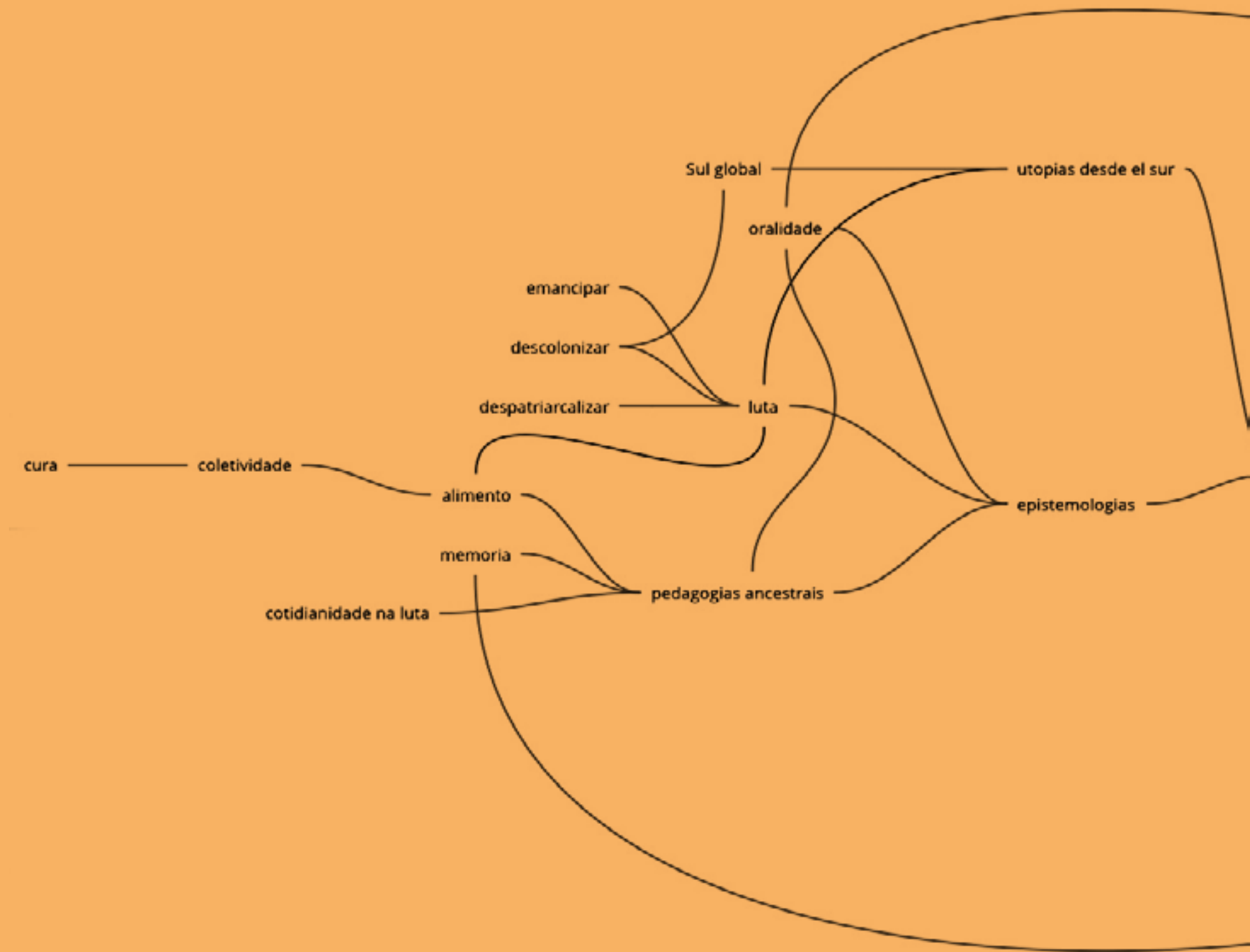
Grupo Nzinga
45

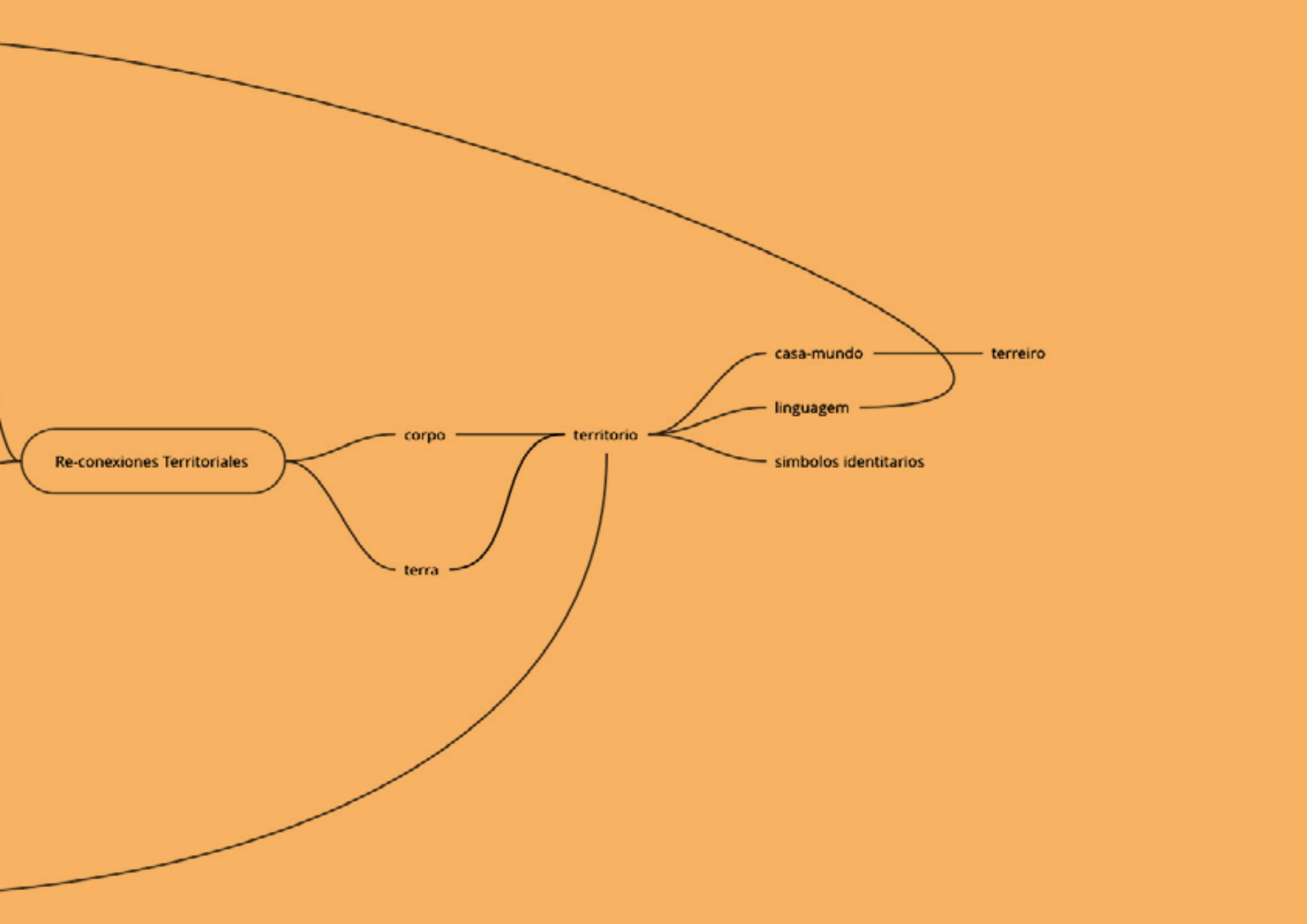


61
Biografias



71
Créditos





Re-conexiones Territoriales

corpo

terra

territorio

casa-mundo

linguagem

simbolos identitarios

terreiro

RE- -CONE XÕES TER- -RITÓ RIAS

Catarina Duncan

Reconexões Territoriais é uma plataforma de encontro e interlocução entre mulheres artistas e lideranças comunitárias de diferentes territórios da América Latina. Proposto no contexto da bolsa de pesquisa para curadores latino-americanos da fundação Cisneros e MoMa, o projeto reuniu três coletivos artísticos liderados por mulheres: o coletivo amasijo, do México, Mujeres Creando, da Bolívia, e o Grupo Nzinga, do Brasil. Nós não nos conhecíamos pessoalmente e, devido ao contexto pandêmico, realizamos a maior parte de nossos encontros online, entre abril e setembro de 2021. Por meio desses encontros, buscamos construir juntas um espaço seguro de troca, reconhecimento e apoio mútuo para refletir sobre a produção artística e cultural de mulheres em territórios não-hegemônicos.

Além de coletivos de artistas e ativistas, os participantes de 'Re-conexões Territoriais' constituem também comunidades para as quais o apoio mútuo é uma forma de reiterate uma perspectiva da arte e da resistência como práticas cotidianas. Tratam-se de coletivos formados por mulheres de diversas classes sociais, com amplas trajetórias de luta, que dedicaram a vida por uma prática comum – seja no ensino de danças populares, na ética comunitária da cozinha ou na luta pelos direitos de autonomia e pela gestão de espaços informais para educação, acolhimento e partilha. Mulheres como Emilian Quispe, do Mujeres Creando, Mama



Elena, do colectivo amasijo, e Mestra Zulene Galdino, do Grupo Nzinga – casos exemplares no desenvolvimento de ações feministas nesses contextos – foram figuras importantes na construção do nosso diálogo.

Diante da necessidade de pensar em modos de articulação menos verticalizadas para as investigações curatoriais, criamos também as nossas próprias metodologias de pesquisa. Superamos distâncias, barreiras culturais e linguísticas para entender como poderíamos inventar formas diferentes de compartilhar conhecimento e nos reconectar à terra por meio da arte, sustentabilidade, autonomia, dança, rituais, culinária e processos de cura. Nesse sentido, adotamos uma dinâmica investigativa em que cada coletivo organizou um dos encontros realizados, de modo a propiciar um momento de aproximação entre as participantes no qual fosse possível nos conhecermos melhor.

Neles, cozinhamos e comemos juntas, compartilhamos perspectivas sobre nossos contextos e trocamos ferramentas para práticas coletivas, buscando possibilitar o reconhecimento desses fazeres dentro de um campo artístico, intelectual e acadêmico.

Nesta publicação, pensada como um “movimento circular”, apresentamos nossa investigação conjunta em seções. Cada uma delas é iniciada e encerrada por um canto de contexto comunitário, sem seguir uma cronologia ou ser conclusiva. Oferecemos aqui uma série de chaves de acesso ao nosso processo, compartilhando citações, referências, receitas e imagens de uma pesquisa que aconteceu por meio da oralidade, do afeto e do cuidado mútuo. Os pensamentos, gestos, sabores e saberes aqui reunidos podem, desse modo, evocar o poder que emana da celebração, do fazer juntas, da homenagem aos ancestrais e àqueles que ainda virão.

Cada coletivo e território carrega as suas particularidades. Assim, se o coletivo amasijo atua principalmente em áreas rurais, em diferentes regiões do México, o Mujeres Creando o faz em um território urbano. O Nzinga, por sua vez, se encontra no Cariri, no interior do estado do Ceará, localizado na região nordeste do Brasil. Seja na capital da Bolívia, no interior do México ou no sertão do Ceará, nós optamos por trabalhar a partir de contextos locais de luta, o que tornou importante uma compreensão das



nossas multiplicidades para que pudéssemos elaborar as nossas vozes neste projeto.

Uma vez que pertencemos aos territórios culturais que habitamos, elaboramos essa investigação a partir dos nossos próprios espaços, procurando reconhecer, portanto, não apenas nossas semelhanças, mas também as nossas diferenças. Se cada um dos caminhos que aqui se cruzam é diferente, assim como o são os territórios em que vivemos, identificamos um cotidiano comum de conflito e negociação na falta de apoio estrutural, na precarização das práticas artísticas, no ecocídio em curso e na necessidade de suprimos funções sociais muito além dos nossos escopos. Tendo isso em vista, algumas das questões que nos acompanharam ao longo de nosso percurso de pesquisa foram: como podemos nos conectar aos nossos territórios? Como podemos criar uma metodologia feminista de pesquisa? Como o cuidado pode superar nossas práticas e interesses artísticos?

O compartilhamento de trajetórias, vivências pessoais e práticas coletivas – realizado em espaços de memória e cultura – nos deu acesso a um rico campo de investigação, conhecimento e também de fruição para mulheres de várias gerações. Entendemos que, frente a uma história comum de violência colonial e opressão patriarcal, os coletivos aqui reunidos resistiram e resistem às suas maneiras, dobrando estruturas hegemônicas e compartilhando saberes de geração em geração – de entidades encantadas a pessoas encarnadas.

I - ESPAÇOS DA MEMÓRIA



Concebemos nossos encontros como ferramentas para o exercício do coletivismo necessário na construção de mundos a partir do resgate da memória – uma prática de vivacidade, conexão e partilha. Entendemos que, depois de séculos sendo rebaixadas pela ciência, desconsideradas pela arte erudita e excluídas dos sistemas de poder, os conhecimentos das curandeiras, das danças do povo e da sororidade estão bem vivos. Valorizar este saber ancestral com reconhe-

cimento, apoio financeiro, cuidado e atenção é um dos propósitos deste projeto de pesquisa, assim como da dedicação de vida de suas participantes.

No texto “A dolorosa divisão da arte nos hierarquizou e colonizou por meio da ideia de educação universal”, a artista e curadora boliviana Elvira Espejo Ayca fala em uma estrutura que separa os saberes cotidianos e ancestrais do campo do moderno ou erudito. Para Ayca, essa estrutura se manifesta na “estética [que], alicerçada na distância e no desinteresse, separa a contemplação

da ação de fazer ou práxis; posicionando a arte erudita legitimada em oposição ao artesanato popular, minando a pluralidade por não compreender a lógica comunitária de nossos povos latino-americanos. Essas dinâmicas de separação ou hierarquização foram replicadas e aplicadas a todas as formações artísticas dos países latino-americanos, fazendo avançar uma história universal da cultura por meio de uma educação piramidal, unificada e embranquecida”¹.

Na contramão dessas dinâmicas, o coletivo amasijo, o Mujeres Creando e o Grupo Nzinga – conduzidos por mulheres que dedicaram suas vidas à luta por uma identidade coletiva – trabalham lado a lado em suas comunidades e territórios. Baseado entre Oaxaca, Veracruz e Cidade do México, o coletivo amasijo é composto por sete mulheres de duas famílias que se encontram para tamaleir (fazer tamales) e cozinhar juntas. Cientes da origem da sua alimentação e dos saberes das mulheres próximas da terra, elas se reúnem para preparar refeições no espaço da cozinha, onde cuidam de si mesmas, das relações e do território do cotidiano. Sua prática retoma, assim, a necessidade de deshierarquizar o conhecimento e valorizar os fazeres como modo de aprendizagem.

O coletivo Mujeres Creando, por sua vez, atua desde os anos 1990 em La Paz e Santa Cruz de La Sierra, pensando sobre questões

do cotidiano nos ativismos como forma de acessar outras estratégias de luta e garantir uma abordagem sustentável de suas práticas. Em sua atuação, lidam com questões como: de que modo podemos alimentar espaços de memória em condições assimétricas? Como interromper as lógicas de escassez e abundância que são continuamente replicadas em nossas estruturas? Para fazê-lo, pensam de forma colaborativa e em rede – uma prática indissociável de seus contextos e sujeitos – tornando a pesquisa um exercício de aprendizado conjunto que leva ao entendimento de que não somos sujeitos isolados e que as memórias resistem por meio da coletividade.

Por fim, ao trabalhar com a memória, o Grupo Nzinga articula espaços de encontro e pesquisa de memórias coletivas, das tradições populares e da produção de artes visuais contemporâneas de mulheres afro-indígenas situadas na Universidade Regional do Cariri. Se são muitas as influências históricas, políticas e coloniais que propagam os imaginários desta região como um lugar de aridez, o Nzinga constitui uma evidência de que o que mais se encontra nela, não obstante, é fertilidade, tecnologias de resistência, abundância.



É comum na região do Cariri que as pessoas se refiram às casas das mestras como ‘museus orgânicos’ e às mestras mesmas como bibliotecas ou tesouros vivos’. Em suas casas ficam expostos objetos pessoais, fotografias, roupas, instrumentos, e tudo que marca seu cotidiano e compõe as manifestações tradicionais de sua cultura, de modo que estas designações funcionam

como um elogio às suas memórias e dedicação de vida às comunidades. Tais espaços, que não recebem investimento público para sua manutenção, são tomados aqui como modelos para uma reflexão sobre a memória viva, provocando-nos a repensar ideias de conservação e deslocamento enraizadas na museologia do Ocidente.

II - DOBRAS NO TEMPO

'Re-conexões Territoriais' surge de um desejo de trabalhar coletivamente com mulheres da América Latina e das possibilidades de se conectar à terra por meio de práticas artísticas. Depois dos primeiros meses de encontros do projeto, compreendi que fazê-lo significa ir contra todas as previsões de uma perspectiva histórica e hegemônica sobre o que é a arte. Precisamos forjar territórios nos quais existimos como protagonistas e narramos a partir de nossas perspectivas não-lineares, nem sempre previamente reconhecidas. Coletivizar-se, assim, é derrubar aquelas regras patriarcais que propõem uma forma única de contar a história da arte, alimentando um processo contínuo de resistência, que começa com o modo como experimentamos o tempo, a memória e o movimento.

Durante séculos, os homens ocidentais definiram os territórios como sinônimos de propriedade e poder. Ao longo dessa prática contínua de extração e terror, memórias ancestrais de cura e cuidado foram interrompidas, direitos foram sequestrados, saberes da terra foram escondidos e o meio ambiente subordinado à lógica do capital. O que essa epistemologia arrogante não entendeu foi que o ato de devastar a terra e comprometer sua diversidade também está reduzindo as possibilidades de vida, ameaçando a nossa própria sobrevivência enquanto espécie.



Este genocídio epistêmico contínuo suprimiu formas tradicionais de cura, conexões com ciclos lunares, cultivo familiar, rituais e comunidades autossustentáveis. Mas os saberes interrompidos foram resguardados e praticados durante séculos por mulheres que abriram caminhos para a sua sobrevivência por meio de tecnologias da memória, da reinvenção e das tradições orais. Essas tecnologias, por sua vez, operam uma temporalidade distinta daquela produzida pela concepção ocidental moderna do tempo linear. Trata-se de uma temporalidade definida em espirais – um

processo de fabulação ou exercício de imaginação que rompe com formas sequenciais de pensamento próprias da modernidade, tal como formulada pela teórica e poetisa brasileira, Leda Maria Martins.

Em seu livro 'Performances do tempo espiralar', Martins nos explica que "a ancestralidade é o princípio base e o fundamento maior que

estrutura toda a circulação da energia vital... Quer nos saberes medicinais curativos, na fabricação de tecidos e utensílios, nas formas arquitetônicas, nas texturas narrativas e poéticas, nas danças, na música, na escultura e na arte das máscaras, nos jogos corporais, nas danças do Maracatu, do Jongo, do Samba, na Capoeira, nos sistemas religiosos, nos modelos de

organização social, nos modos de relacionamento entre os sujeitos e entre o humano e o cosmos e, em particular, na concepção do tempo espiralar”².

Tendo isso em vista, cada coletivo foi responsável pela condução de um dos encontros. Organizamos seminários, reuniões e conversas, mas também criamos, enquanto grupo, uma série de rituais onde novas temporalidades foram instauradas. Para isso, o Mujeres Creando propôs conversas sobre intervenções artísticas, soberania alimentar e sustentabilidade coletiva. O Grupo Nzinga, por sua vez, partiu do conceito de terreiro (quintal, mas também espaço de ritual) como uma casa para outro mundo, para organizar encontros com mestras da cultura popular, artistas, representantes do movimento negro, curandeiras espirituais e especialistas em ervas – mulheres que praticam ecologia, feminismo e serviços comunitários como práticas de vida. Já o coletivo amasijo organizou um fandango – que consiste em uma prática comunitária que inclui dança, música e festa, presente em regiões rurais do México e outros países da América Latina – nos tuxtlas de Veracruz. As mulheres do coletivo prepararam diversos pratos típicos, a partir da colheita dos alimentos e, no final, realizaram uma oferenda às mulheres da terra, em celebração que contou com a participação da comunidade local.

Nestes encontros, exercitamos a presença no tempo da terra, dos quintais e dos pátios – um momento em que a pressa não é convidada. A partir das subjetividades, das mãos dobrando as folhas de tamales, da partilha de uma trajetória de vida ou de um benzimento, nos aproximamos de entendimentos políticos sobre o tempo e a força de nossas mãos, que movimentam o mundo.

Nós também aprendemos com a pesquisadora mexicana e pensadora feminista Gloria Anzaldúa, que escreveu: “Eu desafio as crenças culturais / religiosas coletivas derivadas do sexo masculino de indo-hispânicos e anglos; ainda assim, sou culta porque estou participando da criação de mais uma cultura, uma nova história para explicar o mundo e nossa participação

nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam uns aos outros e ao planeta. Soy un amasamiento, eu sou um ato de amassar, de unir e juntar que não só produziu uma criatura das trevas e uma criatura da luz, mas também uma criatura que questiona as definições de claro e escuro e lhes dá novos significados”³.

Ao mesmo tempo, ao retomar um ditado que diz que “quem cultiva a terra conhece o segredo do tempo”, a artista visual e integrante do Grupo Nzinga Maria Macêdo lembrou-nos de que não podemos nos relacionar com as questões ambientais se não levarmos em conta as pessoas, plantas e todos os seres que resistiram e resistem ao extermínio e à opressão colonial. Ou seja, nós precisamos ser capazes de imaginar outras formas de nos relacionar com a terra e com o tempo. Só assim, o tempo estará ao nosso lado, inclinando-se para a ancestralidade e a transformação.

Se nós mulheres somos constantemente convidadas a nos comportar de determinadas maneiras para responder a demandas externas e dar conta de estruturas que suprimem nossas subjetividades, resistir ao tempo do capital significa então renegociar sua linearidade, entendendo que nada deve ser dado como certo. Nesse sentido, nosso trabalho em ‘Re-conexões Territoriais’ tem sido o da construção de um espaço de questionamento e de prática de um outro sistema de valores, de modo que, para fazê-lo, dar as costas ao progresso e voltar-se para o tempo da terra torna-se fundamental.



III - MOVIMENTO COMO PRINCÍPIO

A espiritualidade é um processo de reconhecimento dos emaranhados que compõem nossas relações no mundo. Quando digo que não estamos sozinhas, não estou pensando apenas sobre estarmos juntas enquanto coletividade ou como mulheres latino-americanas. Considero que tudo o que nos une para a realização desta pesquisa também está vivo como memória e movimento. Estamos falando de territórios em disputa, de uma luta por territórios físicos, subjetivos, espirituais e políticos. Pois quando garantimos nossas terras, nossos quintais e nossas casas, estamos demarcando espaços para re-conexões territoriais. São espaços onde podemos exercer nosso tempo, nossas memórias e estar em movimento umas com as outras. Espaços onde as crianças são ouvidas e as mulheres estão no comando, onde galinhas e gatos compartilham comida, onde podemos imaginar e construir outros mundos.

A ideia de 're-conexão territorial' dá sentido aos coletivos e à relação que constroem com seus espaços de atuação. Quando falamos

dos nossos territórios, são os espaços de memória e luta que estamos defendendo, e não as fronteiras, estados, países ou quaisquer demarcações coloniais. Somos mais do que latino-americanas, somos mais do que mulheres, e a criatividade também é um território em disputa. Afinal, quem pode imaginar? Quem está sendo forçado a se deslocar? Quem possui seus próprios movimentos?

Ao longo do processo de trabalho, nos movemos juntas. Aprendemos com Mestra Zulene os passos de dança e canções de Maneiro Pau, onde repetimos o verso: "quando o Brasil nos conhecer, o Brasil vai mudar". Com Rosi, fizemos os Passos do Fandango, nos quais cada canto e ritmo é dedicado a um animal local, evidenciando as relações do povo com a terra. Esses exemplos evocam a ideia do movimento como motor de desaceleração – algo que a princípio pode parecer contraditório, mas que nos lembra de que é fundamental que nos movamos em círculo, em direção umas às outras, e não em um caminho linear sem fim. Quando dançamos juntas, cantando por nossos direitos, mudamos o tempo e nos lembramos de como ser uma arara ou uma serpente.

As práticas artísticas aqui em questão não estão nos espaços museológicos e não cabem nas galerias porque não são objetificáveis. São modos de viver artisticamente. Se queremos nos encontrar, para





nos projetarmos no mundo de forma mais justa, seres humanos e não-humanos, devemos desaprender aquilo que nos limita, retornar aos saberes da terra e encontrar espaços para criar resistência e driblar estruturas que nos adoecem.

Há uma raiz profunda da formação cultural na América Latina que pode ser identificada por meio do movimento, talvez o princípio mais importante de resgate cultural em contextos de resistência. Para retomá-lo, é necessário reaprender a ser natureza, a se conectar com os outros – não apenas entre humanos – e nos movermos continuamente em direção às ancestralidades. Assim, retorno ao pensamento de Leda Maria Martins, que escreve que “através deles [rituais performativos] podemos vislumbrar alguns dos processos de criação de muitos suplementos que procuram cobrir lacunas, vazios e rupturas de culturas e sujeitos que se reinventaram aqui, dramatizando a relação pendular entre memória e esquecimento, a origem e sua perda”⁴.

Depois de meses de partilha, digestão, cocriação e escuta ativa, fizemos circular outras possibilidades de estar juntas, de aprender com o coração e de nos permitir sentir. Nenhum lugar para começar, nenhum lugar para terminar, mas sincronizados em uma temporalidade sempre presente. Conforme enfatizou Mujeres Creando em um de nossos encontros: “*todo está por hacer*” (tudo ainda está por ser feito).



Créditos

Fotografias das páginas 6 a 13 disponibilizadas pelos três coletivos.

Notas

1. AYCA, E.E. A dolorosa divisão da arte nos hierarquizou e colonizou por meio da ideia de educação universal. Disponível em <<https://masp.org.br/uploads/temp/temp-alf507oKsnlgNFSID6Fe.pdf>>. Acesso em 23 set. 2021.
2. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela, São Paulo: Cobogó, 2021, p. 62.
3. ANZALDÚA, Gloria. Borderlands La Frontera: The New Mestiza, San Francisco: Aunt Lute Books, 2005, p. 80-81.
4. MARTINS, Leda Maria. "Performances of spiral time", In: GÁLVEZ, Alyshia (ed.). Performing religion in the Americas: media, politics and devotional practices of the Twenty-first century, London: Seagull Books, 2007, p.4.

Bibliografia

ANZALDÚA, Gloria. La Consciencia de la Mestiza: Towards a New Consciousness. In: **Borderlands / La frontera: The new mestiza**, p.77-98. San Francisco: Aunt Lute, 1987, 1st ed.

AYCA, E.E. A dolorosa divisão da arte nos hierarquizou e colonizou por meio da ideia de educação universal. Disponível em <<https://masp.org.br/uploads/temp/temp-alf507oKsnlgNFSID6Fe.pdf>>. Acesso em 23 set. 2021.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo Chi'xi es posible. Ensayos desde un presente en crisis**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GUTIERREZ, María Laura. Ni útil, ni exótico. Deconstruyendo la(s) mirada(s). Una revisión del arte feminista en Latinoamérica. In: **Dirección Editorial**: 115.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (org.). **Performance, exílio, fronteiras: errância territoriais e textuais**, p.69-91. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFGM: Poslit, 2002.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!, viewed 23 September 2021, <https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic_a_o_da_vi>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. In: **Festschrift for Immanuel Wallerstein, part I, Journal of World Systems Research**, vol. 11, n.2., 2000.

SANTOS, Milton. **Elogio da lentidão**. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 11 mar 2001, p.15, 2001.



MEXICO

colectivo
amasijo

<https://www.colectivoamasijo.org/>

Minha mãe foi uma centelha
e meu Pai um raio cruel
que trovejava como aquele
que retumba nas estrelas
ao ver as flores mais bonitas
que vão reverdecer
Quando florescem em maio
filha de centelha e raio
diga-me quem pode ser

encontro comPartilhado

ritmos e movimentos
na cozinha
no pátio, no monte e

agricultura familiar

pisar no solo
cuidado

pedagogias ancestrais

a lua

tecnologias
renovações

metodologia fandango no Salto de Eyipantla e no pátio de Dona Guilhermina

reaproveitamento

Realizaremos um Fandango nos Tuxtlas Veracruz.

Leti nos disse que os fandangos devem ser oferendas à terra, que promessas são feitas a ela e que fandangos são oferecidos para trazer nossas petições à terra. O fandango será a nossa oferta para os pedidos que tivermos. Vamos pedir um fandango e vamos oferecer um fandango – um fandango para nos reconectarmos com o território. Uma celebração da abundância da terra, que resiste a um sistema que nos ensina a acumular, para resistir com todos os nossos recursos voltados para a celebração. Vamos nos vincular com nossos corpos, ao cozinhar. Vamos emular as danças do mundo animal e vamos cantar a vida que ressurgue com as chuvas que caem ao nosso redor. Com o desejo de reconquistar a autonomia das nossas celebrações, deixando para trás o modelo que controla e se beneficia do nosso lazer. As celebrações para gerar e distribuir a abundância, a abundância da terra.

para imagens dos encontros --->

https://youtu.be/HUw_ysZWvtk

<https://youtu.be/uq5esKakVrA>

momento um

Apresentação da despensa e dos pratos

Hora:

10 horas, fuso da região dos Tuxtlas.

Duração:

30 minutos

O que vamos fazer:

O que teve que acontecer para que esses alimentos estejam na sua mesa hoje?

Os coletivos irão ordenar os insumos de seus produtos em forma de altar, de modo que, ao apresentarem o que vão cozinhar, possam explicar a todas os sistemas que compõem os ingredientes que farão parte de seu cozinhar, como uma maneira de homenagear e reconhecer todas as envolvidas nos processos.

momento dois

Cozinhar coletivamente e apresentar nossos projetos

Hora:

10 horas e 30 minutos, fuso da região dos Tuxtlas.

Duração:

30 minutos

O que vamos fazer:

Como fazemos o que fazemos?

A cozinha coletiva gera um espaço de presença plena que possibilita uma escuta profunda, uma escuta ancorada no corpo que, enquanto corta, retira folhas, frita ou enrola, pode atender e integrar o que é dito pelas demais. Em nossa prática, o tamalejar é um processo que sintoniza as participantes em uma mesma frequência, um espaço para curar e transmitir conhecimentos importantes ou histórias familiares que resultam em um determinado alimento que celebra a transição de todas. Enquanto cozinhamos em nossos espaços corporais, vamos nos ouvir, nos conhecer e integrar os projetos de cada uma.

momento três

Aprender a dançar, aprender a cantar

Hora: 17 horas e 30 minutos, fuso da região dos Tuxtlas.

Duração: 30 minutos

O que vamos fazer: Como nos transformamos na convivência? Como articulamos uma linguagem em comum?

Três das integrantes do coletivo amasijo ensinarão às crianças da comunidade e aos demais coletivos as formas de dança do fandango. Os músicos nos contarão sobre como articulamos os versos e as formas de ler o entorno em que estamos.

momento quatro

Fandanguear

Hora: 19 horas, fuso da região dos Tuxtlas.

Duração: Duas horas

O que vamos fazer: Que mundo queremos celebrar e gerar juntas?

Instala-se a comida, recebem-se os convidados. Escutar, dançar, cantar, comer e celebrar a vida que nos rodeia.



Folhas de
platanillo

Caminhada para
transportar as folhas

Folhas recolhidas no
pátio de Dona Guadalupe

Colheita das folhas

Separação
das folhas



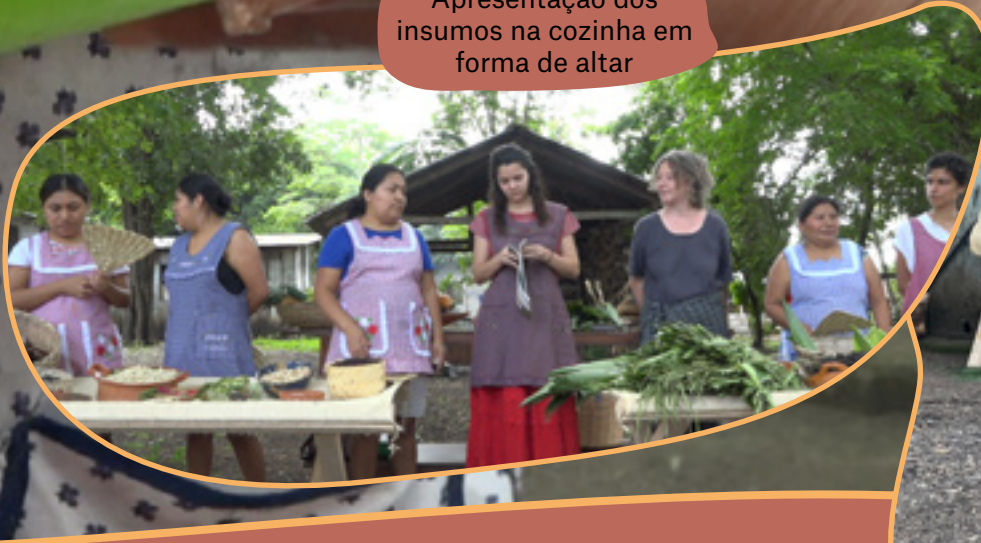
As integrantes do coletivo enrolam as folhas



Transmissão dos conhecimentos às crianças



Apresentação dos insumos na cozinha em forma de altar



Cesto com milho



momento três



Dança com passos do mundo animal



Contagem dos pés no ritmo do fandango



Os músicos conversam com o coletivo sobre seus processos de composição





Entrega dos
tamales roxos

Fandango para
reconectar-se ao
território

Passos de dança durante o
fandango, evidenciando a
importância do corpo em
todas as etapas

Receitas, fazeres e conversas
que aconteceram em torno
da celebração coletiva



No encontro proposto pelo Coletivo Amasijo, os pátios constituem um local de suma importância, tendo em vista que ali se estabelecem as relações com a terra e com as memórias coletivas da comunidade. A cartografia elaborada, tanto do huapango quanto dos pátios das produtoras, apresenta a organização de espaços e fazeres para que o processo de cozinhar ocorra coletivamente e seja também um lugar de escuta e de celebração. Tal como o Amasijo aponta, a cozinha não é apenas a cozinha.



Pátio de Rosa Contreras

Dona Rosa, sogra de Patricia. Durante a infância viu sua mãe preparar o atole de pinole, ela nos conta que desde então aprendeu a fazê-lo. Hoje em dia, Dona Rosa se encarrega de fazer atole de pinole e alfajores para as festas populares. Ela mesma vai às montanhas colher as folhas de patololote, necessárias ao preparo.

Atole de Pinole

Ingredientes

3 kg de milho crioulo tostado
30 pesos de canela
Mel a gosto
10 folhas de patololote
¼ kg de cacau

Preparar

Torre o milho, o cacau e a canela no forno, moa o milho, o cacau e a canela com o moinho manual.

Mergulhe a moagem em água e misture com as mãos para incorporar todos os ingredientes na água.

Coe em um cobertor de céu, coe e reserve a água.

O que resta no cobertor celeste é moído novamente no moinho manual. Adicione a água, mexa e coe. Reserve a água e misture com a anterior.

Reúna todo o líquido. Cozinhe em uma panela de barro e leve a fogo baixo. Ferva e acrescente as folhas de patololote e acrescente mel a gosto.

Conversar e coordenar o cozinhar

Dona Rosa foi quem conseguiu distinguir as sementes que tínhamos colhido do rio. Ela nos contou que, quando era menina, gostava muito de colher as sementes de Pepetaca e depois torrâ-las no carvão.

Protocolo para servir o atole de pinole em um fandango

O atole de pinole é servido depois que o convidado se acomodou e bebeu água. Servimos em potes de barro, em vez dos copos de plástico que agora se usam.

Tamales roxos

Pátio de Hilaria Contreras

Mulher dedicada ao lar e a plantar diferentes tipos de plantas no quintal de sua casa, Hilaria é uma senhora idosa que vende o que arrecada e colhe no quintal para sustentar a família; folha de platanillo, pimenta chilpaya, graviola e manga. A folha do platanillo é usada para embrulhar os tamales doces.

Pátio da Família Málaga

Desde muito jovem, Dom Pablo plantou milho e agora, junto com sua família, são pequenos produtores locais de milho. Sua esposa Dona Felipa e os filhos ajudam na semeadura e na colheita, semeiam três tipos de milho: branco, vermelho e amarelo. É a primeira vez que o coletivo amasijo compra milho dele.

Ingredientes

10 kg de milho vermelho
4 abacaxis
4 cocos
30 folhas santas
½ kg de passas
300 folhas de platanillo
Mel para adoçar e sal

Preparar

Separe os milhos roxos dos brancos
Limpe as folhas do platanillo e corte o caule
Nixtamalize o milho um dia antes
Moa no dia seguinte
Misture a massa com frutas, mel, manteiga e sal
Embrulhe os tamales
Cozinhe no vaporizador por uma hora e meia após a fervura

Conversar e coordenar o cozinhar

Decidiu-se fazer três tipos de tamales, um muito doce, um meio doce e outro salgado. Os huapangos são geralmente celebrados para agradecer à Virgem por algo, como agora fazemos para celebrar as mulheres; muitas mulheres de outra religião puderam vir nos ajudar também.

Protocolo

Os tamales são entregues aos convidados para que levem para casa, nós os damos em bolsas de papel.



outras receitas do Amasijo

Depois do encontro compartilhado e da apresentação do Fandango como oferta à terra e às re-conexões, o coletivo se reuniu para refletir sobre o ocorrido. Percebendo situações de fortalecimento, mas também de violência de gênero ocorridas durante as trocas. Coreografia é uma conversa coletiva sobre o que se pode imaginar para um outro mundo.

Pablo: o que querem que grave?

Sara: todo.

Martina: um mundo pós-apocalíptico onde as mulheres estão gerando condições para que surja a vida.

Sara: criando um novo ambiente para convivermos. não há comando, são todas.

Leti: é o momento de cozinhar, como nos expressamos entre todas.

Alejandro: gravar o que aconteceu antes.

Carmen: um novo mundo anticolonialista, a religião da terra.

Sara: convivendo entre mulheres, a imagem da Virgem nos representa.

Carmen: honrar as mulheres. uma forma de fazê-lo é ver a Virgem como mulher. a Virgem de Guadalupe é a mãe terra.

Martina: é uma ficção que elaboramos para viver juntas.

Sara: mulheres convivendo, cada uma com sua colaboração.

Rosi: registre a coleta de plantas. estamos trabalhando o que a terra nos dá. registre tudo que se está fazendo. que fique claro que é um trabalho em equipe, desde como o fogo é feito até o nixtamal.

Sara: o que sempre dizemos, conviver.

Martina: não existe alienação, tudo é feito do zero, tudo faz parte.

Lety: deixe-me gravar a oficina.

Sara: a diversão e a emoção de dançar.

Lety: hoje em dia isso está se perdendo, ninguém quer aprender a dançar.

Carmen: o projeto se chama reconexões territoriais.

Rosi: é isso que está acontecendo, tudo está se reconectando, porque os sons daqui são os sons da terra.

Carmen: houve uma perseguição durante a globalização contra os sons profanos, os sons que cantaram para a terra. estamos interessadas nos sons que os animais cantam, os animais são os maestros.

Rosalba: nós queremos cantar forte pelas vozes silenciadas.

Rosi: vamos contar outra história, o que está por trás dela, o que não se vê.

Martina: uma história sem início e sem fim, circular, espiral, uma história de um sistema em que tudo está conectado. a cozinha não é apenas a cozinha.

Carmen: o fandango é o resultado de uma organização política feita por mulheres.

Rosalba: é hora de deixar de nos sentirmos sozinhas e lutar coletivamente.

- (2) Te guardo en mi Corazón
Como una prenda Sagrada
Mujer ten me Compasión
(2) dame un beso y una mirada
en pago de mi pasión

- Dicen que Jamás se juntan
(2) agua de todos los ríos
Como no se han de juntar
tus amores con los míos
Dicen que Jamás se juntan
agua de todos los ríos

Que Sereno esta la noche
como que quiere llover
Así estaba la mañana
cuando te empecé a querer
Que Sereno esta la noche
como que quiere llover.

Pájaro paco amoroso de decir que a ti
pecho de Corazón ~~me lo entregas~~
Dile que al Cielo no quiero ir ~~sin ti~~
desde que lo conocí ~~me lo entregas~~
y Solo Vivo y Suspiro ~~de siempre~~
por el amor que le das ~~me lo entregas~~

Una Calandria Voló ~~alabando al sol~~
Para los Campos floridos ~~en el campo~~
Cuando a su nido llegó ~~al nido~~
luego lanzó Un Suspiro ~~al nido~~
Como los pajaros ~~en el nido~~
en el día que no te miro ~~en el nido~~

Un pajarito me contó
que alio amante te pretende
al que me quieras o no
de tu Corazón depende
Si no me quieres dime "no"
la gente hablando se entiende

Imagem do caderno de Leti quinze anos atrás, anotações e cantos com fragmentos de processos de fandango e versos da terra.

Adeus eu me despeço
Com gosto estive aqui
Obrigada pelos tamales
Com folhas de milho

BOLIVIA

mujeres creando

<http://mujerescreando.org/>



Somos índias,
putas,
lésbicas
juntas
revoltas
e irmanadas.

encontro comPartilhado

Proponho um encontro de diálogo direto e aberto, que será virtual, entre três integrantes do Mujeres Creando e os coletivos Nzinga, amasijo e as responsáveis pelo projeto; a atividade começaria às 16 horas da Bolívia e uma duração aproximada de 90 minutos a 2 horas, no máximo.

Para este encontro, convidei também duas companheiras do movimento que têm uma trajetória muito ampla e especializada de pertinência e prática política dentro do Mujeres Creando; pensei nelas especificamente em virtude dos tópicos que concordamos serem interessantes e pertinentes para aprofundar em comum entre os coletivos:

- **A cotidianidade da luta ● O sustentamento da luta**
- **A política desde a cozinha ● As utopias desde o Sul**

Marcamos todo o encontro na primeira parte do tour de nossa casa, e seguimos com breves intervenções de cada uma das integrantes do Mujeres Creando; da mesma forma, após cada intervenção poderia haver um espaço intermediário para comentários e perguntas, visando um encontro dinâmico e com muita abertura ao diálogo. Após o tour e as intervenções, abriremos um espaço de discussão coletiva mais aprofundada entre todas as partes do encontro.

- **Tour na Virgem dos Desejos ● Intervenção Julieta Ojeda**
- **Intervenção Danitza Luna ● Intervenção Emiliana Quispe**
- **Espaço para aprofundamento e discussão geral do encontro**

para imagens dos encontros --->

<https://youtu.be/uNSM8LehRr4>

<https://youtu.be/bAyTHGjfVNM>

momento um

A cotidianidade da luta

A cotidianidade da luta, como avançar da etapa de autoafirmação e de convicção e reação à elaboração de estratégias de sustentamento da luta, sustentamento da criatividade e elaboração de pensamento e utopias desde o Sul.

“O cotidiano nos permite exercer um posicionamento constante, essa prática política, esse estado de relacioná-las construindo um movimento vertical ou um movimento horizontal porque somos feministas anarquistas e esta é uma pergunta permanente para nós. Esse espaço permite que nos perguntemos: Sou classista? Sou racista? Estou me tornando uma burocrata? Como vamos provocar uma mudança nesta sociedade? Por que fazemos o que fazemos? Estou construindo um movimento vertical ou horizontal?”

Danitza Luna

momento dois

O sustentamento da luta

Sustentando a luta, tema no qual gostaria que minha companheira Julieta Ojeda compartilhasse suas visões e posicionamentos, em primeira pessoa, principalmente por sua longa e profunda trajetória dentro do Mujeres Creando. E aproveitando também para fazer um breve tour interno de nossa casa La Virgen de los Deseos, a fim de compartilhar uma abordagem mais profunda do ambiente cotidiano que cerca e acolhe nossa luta e nossa existência.

“Há 15 anos vivemos em diferentes modalidades [...]. Desde o início propõe-se constituir espaços que envolvam as companheiras, que vão se incorporando dentro do Mujeres Creando a partir de um compromisso público, onde se plasma o encontro entre público e privado.”

Julieta Ojeda

momento três

A política desde a cozinha

A política desde a cozinha e na comida, tema que, em minha opinião, minha parceira Emiliana Quispe seria capaz de desenvolver melhor em primeira pessoa, e que seria útil discutir com especial interesse em relação ao coletivo amasijo de México.

“Um princípio ético dentro do movimento é não estabelecer hierarquias entre a que administra a casa e a que cozinha, relacionando-as de maneira horizontal.”

Emiliana Quispe

momento quatro

As utopias desde o Sul

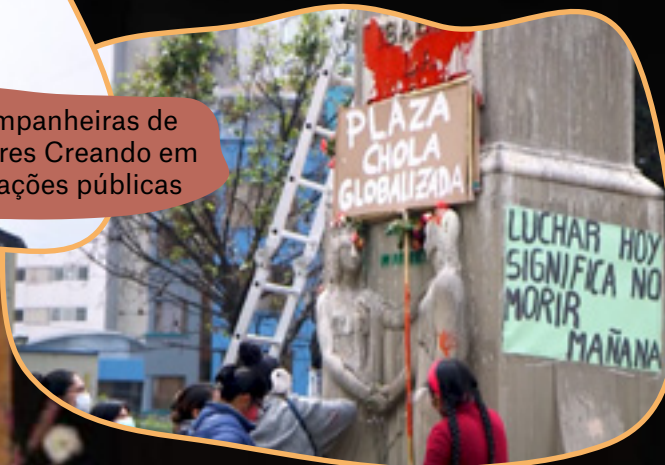
A criatividade e a disputa no campo simbólico: de maneira muito pessoal, eu, como Danitza Luna, gostaria de contribuir e desenvolver um pouco essa questão, pois nos anos em que pertenço ao Mujeres Creando, devido ao meu trabalho e à minha formação acadêmica, tenho estado em constante reflexão sobre este campo de luta, um tema que também seria interessante compartilhar, principalmente com o Coletivo Nzinga.

“O feminismo não se aprende nos livros. O feminismo é a presença das mulheres em diferentes espaços geográficos, em diferentes tempos históricos e é isso que nos une.”

Danitza Luna



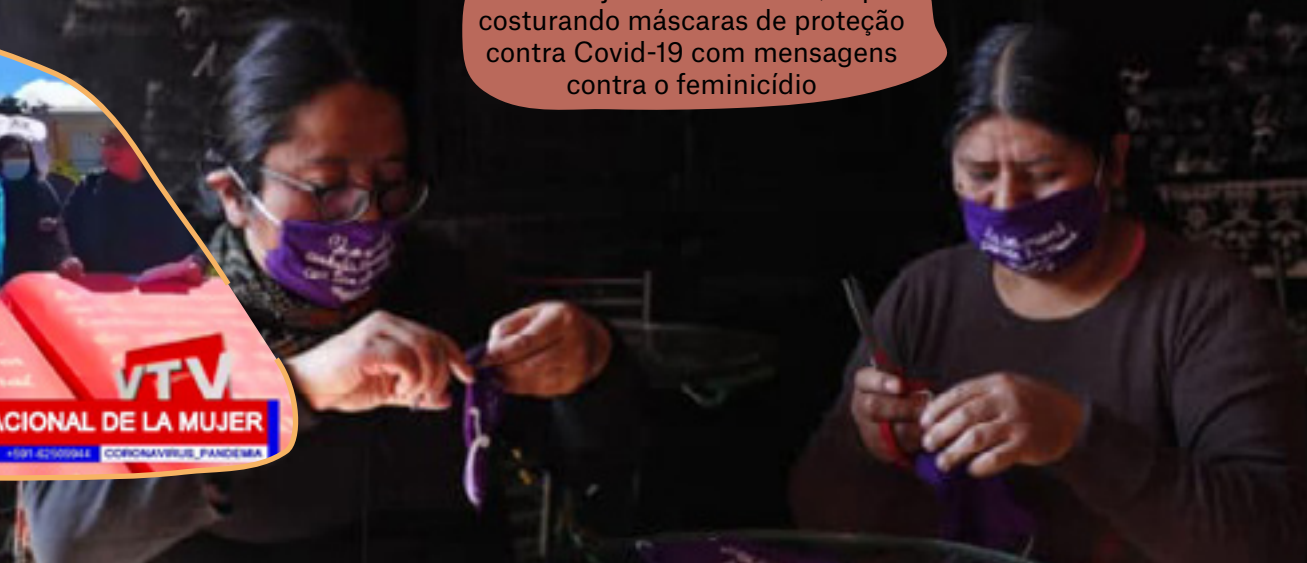
Companheiras de Mujeres Creando em ativações públicas



Intervenções públicas na luta por direitos das mulheres



Julieta Ojeda e Emiliana Quispe costurando máscaras de proteção contra Covid-19 com mensagens contra o feminicídio





Casa Virgen de los Deseos,
em La Paz

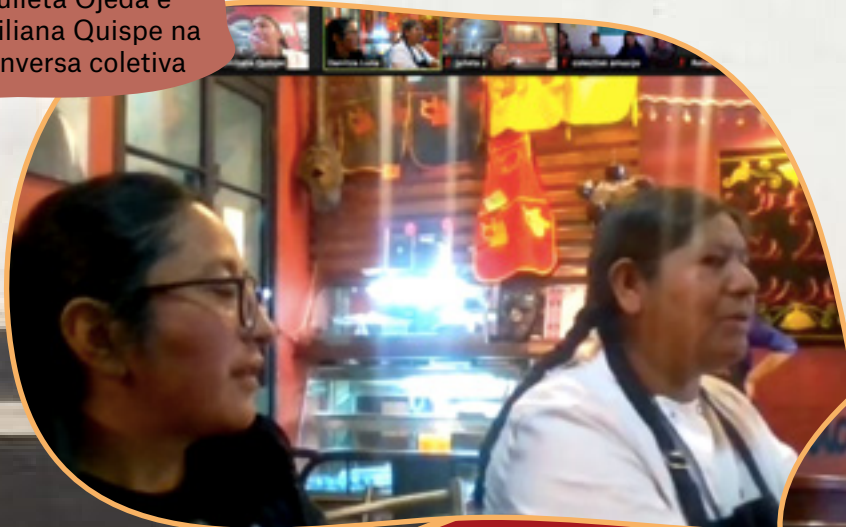
Grafite nas ruas de La Paz

Cuando hay hambre
no hay miedo Mujeres
Creando

Máscaras com frases

Quédate en casa
no es igual a
collate en casa
Mujeres Creando

Julieta Ojeda e
Emiliana Quispe na
conversa coletiva

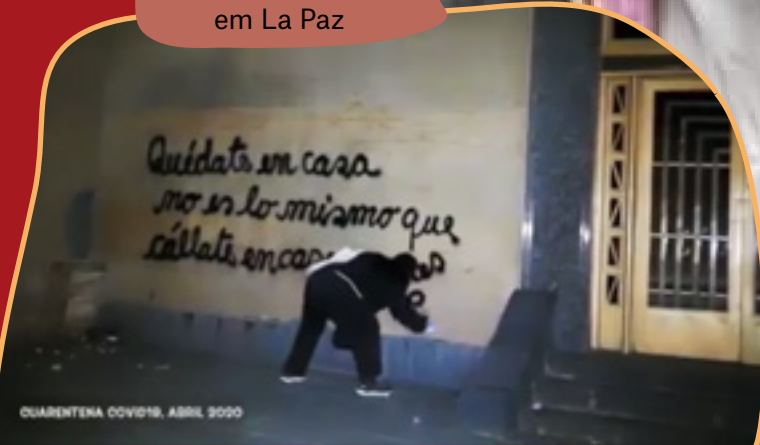


Emiliana Quispe
apresentando um dos
pratos que cozinhou
para o encontro





Ato contra feminicídio
em La Paz

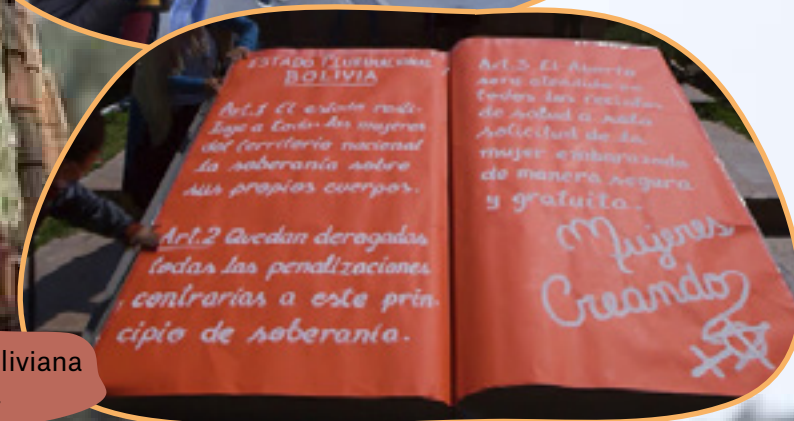


QUARENTENA COVID19, ABRIL, 2020

Ato contra o
feminicídio
em La Paz



Constituição boliviana
adaptada



Receitas, fazeres e conversas
que aconteceram em torno
do encontro coletivo

Chicha Morada

(suco fervido)

Ingredientes

5 litros de água
453,6 gramas de milho roxo seco e sem casca
Uma fatia de abacaxi
Um pau médio de canela, 30 gramas
3 cravos
Açúcar a gosto

Preparar

Ferva a água com canela, cravo, açúcar, abacaxi e milho roxo
Ferver por uma hora em fogo baixo até que a água fique com a cor roxa do milho
Quando ferver, deixe esfriar, beba frio
Para tomar, pode ser adicionada maçã verde picada

Protocolo

É preparado especialmente na época de “Todos Santos” (uma festa em homenagem aos mortos) que acontece em novembro, para dar às almas que vêm com sede.

Croquetes ou torreias de Quinoa

Ingredientes

½ kg de quinoa
6 xícaras de água
1 xícara de farinha de trigo
150 gramas de queijo fresco
Sal, pimenta e cominho a gosto
2 ovos inteiros

Como guarnição

Oca, batata sauté, salada de brócolis com cenouras cozidas no vapor

Preparar

Lave a quinoa e cozinhe-a em 6 xícaras de água, na panela de pressão sem sal, por cerca de 25 minutos; se estiver em uma panela normal, pelo menos uma hora, até amolecer.

Depois de cozida, ponha numa tigela, acrescente os ovos, os temperos, o queijo ralado e a farinha; misture tudo e, se necessário, acrescente uma xícara de água fria até obter uma consistência cremosa. Em seguida, separe uma porção com uma colher e frite a torreja em óleo bem quente dos dois lados. Sirva com a guarnição.

Gran Reinauguración
jueves 18 de enero
19:00
-menu degustación y
presentación de la Chef
-música en vivo con la inaudita
-presentación de sorprendidas
imágenes



relato de Emiliana sobre o Processo de Preparação da Quinua



Fim e Princípio.

Mujeres
Cuando

BRASIL

Grupo Nzinda

Novos Zirlguduns Internacionais e Nacionais Gerados nas Artes Visuais

@grupo_nzinga

Tenho muita fé em Deus quando eu vou ao mar pescar
Eu vejo a maré encher e os peixinhos solugar
Menina das três meninas, todas três eu quero bem
Uma mais do que a outra, outra mais do que ninguém
Pisei, pisei, pisei, pisei, pisei, quero ver pisar
Rodei, rodei, rodei, rodei, rodei, quero ver rodar

encontro comPartilhado

como se constrói uma comunidade?

conexão e presença

o terreiro como Casa-mundo

saberes gestados e geridos por mulheres

compreensão do conhecimento como patrimônio

Partindo dos entendimentos e sabedorias gestadas pelos terreiros, sentida efetivamente pelos pés que caminham sobre esse chão, e partindo das renovações como ato de encontro, partilha, reza e comida compartilhada, propomos que renovemos o espírito da existência a partir de uma troca afetiva com Zulene Galdino, mestra da lapinha, quadrilha e benzedeira, e com a Mestra Edite, criadora do Coco da batateira, Crato-CE.

Os saberes gestados e geridos por mulheres é uma das formas motrizes do grupo NZIN-GA. Assim, queremos com esta partilha aproximar as outras coletividades dos tesouros vivos que adubam o solo Cariri, onde essas mulheres possam cantar e contar suas mestridades, apresentar a sua casa como museu orgânico, convidá-las para passearmos juntos pelo terreiro e conhecer um pouco sobre o sagrado e o mistério que faz com que esses saberes percorram gerações e permaneçam pulsantes e pungentes.

Um encontro que também tem o interesse de promover um intercâmbio entre gerações de mulheres a partir da troca com o grupo musical Cantando Marias e de pesquisar os processos de cura onde as mestras mezinheiras nos mostrarão o poder das plantas curativas.

Partilha de saberes com a Mestra Zulene Galdino e Mestra Edite a fim de saborear os saberes e as vivências que compõem as narrativas da mestra.

para imagens dos encontros --->

<https://youtu.be/7QojU9YBlcs>

momento um

Haverá uma partilha de percurso pensando de onde surgem os interesses do NZINGA em tratar sobre as narrativas de mulheres invisibilizadas

Apresentar o conceito dos Museus Orgânicos (pessoas do NZINGA) e Mediação pelo Museu Orgânico da Mestra Zulene Galdino mediado por ela mesma;

"Aqui é a lapinha, e tem a escolinha das crianças. Aqui é a biblioteca: o pessoal manda esses livros, aí a gente organiza tudinho. A escolinha que eu digo é porque as crianças que sabem ler ensinam as outras crianças."

Mestra Zulene

momento três

Comidas de festa junina feitas com alimentos orgânicos.

"Pensar, daqui pra frente, como nós, mulheres, podemos aprender com essas mestras, levar esse legado adiante e também disseminar, através da música, da arte e do alimento. Levar isso para outras pessoas, para outras esferas, para que outras mulheres também tenham acesso ao conhecimento de como essas mestras construíram até os dias de hoje, que tempo de atuação elas trazem, que tempo de interação elas têm com a comunidade, como é essa pedagogia de ensino que elas exercem nas comunidades."

Renata Felinto

momento dois

Apresentação das mestras Zulene Galdino da Festa Junina e Mestra Edite do Coco Batateira. Passeio pelo terreiro da mestra a fim de ambientar os demais coletivos no território criativo da mestra; Ouvir e ver a mestra tocando pandeiro, as canções e composições da mestra;

"Quando eu olho para uma mestra, eu sempre vejo uma médica, uma cantora, uma professora de dança, uma educadora. As mestras são seres completos quando se trata de ciência e de conhecimento porque elas trazem na história delas um conhecimento universal, que passa por muitos lugares: ele passa pelo conhecimento científico, pelo conhecimento espiritual, pelo conhecimento social."

Fatinha Gomes

momento quatro

Cantando Marias como interlocução através da música; Pensar em canções que possam ser cantadas junto da Mestra Zulene, e outras em que possamos evocar a presença das demais mestras;

"Cantando Marias, tem como foco conhecer antes de tudo um pouco da vida das mestras, levando em consideração a imensidão que é cada mundo delas, de conhecimento, de trajetória e de tempo de vida, e traduzir isso numa relação entre todas nós, as diversas políticas que têm como inspiração a vida dessas mestras, e cantando, trazendo a música como esse espaço de celebração, esse espaço de militância também".

Maria Macêdo



Sinalização no museu orgânico na casa da mestra Zulene Galdino



Instrumentos da mestra Zulene Galdino



Altar da mestra Zulene Galdino



Mestra Edite
Mezinheira e Liderança
do Coco da Batateira

Retrato de Mestra
Zulene por Andréa
Sobreira

Retrato de Mestra
Edite por Andréa
Sobreira

Foto de Jaque
Rodrigues de Andréa
desenhando

Comida caseira feita
ao longo da viagem de
pesquisa

Mesa do encontro

Mesa do encontro

Grupo Cantando Marias



Foto coletiva
(esq. a dir. - Catarina Duncan, Jaque Rodrigues,
Mestra Edite, Mestra Zulene, Maria Macêdo,
Fatinha Gomes, Lediane dos Santos, Bené,
Fran e Renata Felinto)

Receitas, fazeres e conversas
que aconteceram em torno
do encontro coletivo

Mungunzá

(Receita de Leidiane Santos Pereira)

Ingredientes

500g de milho para mungunzá amarelo
500g de feijão de corda
6 unidades de linguiça calabresa
500g de tripa e bucho
300g de kit feijoada
300g de toucinho
Caldo de carne
Pimenta do reino a gosto
Colorau a gosto
Alho, cebola, pimentão, pimenta de cheiro e cheiro verde a gosto

Preparar

1. De um dia para outro, deixe de molho as carnes salgadas (mergulhadas em água com sal novo);
2. De um dia para outro, deixe de molho o milho de mungunzá;
3. No dia seguinte, coloque o milho para cozinhar numa panela até que fique macio;
4. Em outra panela, coloque para cozinhar o feijão, junto com as carnes. Deixe reservado o toucinho já frito;
5. Quando o milho e o feijão estiverem cozidos, junte tudo numa panela maior, acrescente o toucinho, verifique o sal, acrescente a pimenta a seu paladar.
6. Por último, acrescente um refogado com alho e a cebola, dois tabletes de caldo de sua preferência e o coentro.

Receita para 20 pessoas

Lambedor Para tosse de Mestra Edite

Ingredientes

Adicione em 1 litro de água fervente:

3 xícaras de açúcar pequenas
Porções da casca de romã
Aroeira
Alecrim
Eucalipto
Malva do reino
Alho
Extrato natural de jatobá

Modo de usar

adulto: 1 colher de sopa três vezes ao dia
criança: 1 colher de chá três vezes ao dia

“Saudações as pessoas que são cientistas das matas e das florestas, agradecemos pela cura. Vocês também são-foram em alguns lugares a linha frente no cuidado à saúde.”

Desenho e texto de Eliana Amorim



mais receitas do Grupo Nzinga



Desenhos de Paulo Bruno desenvolvidos a partir dos encontros entre as mestras, coletivos e artistas entrevistados pelo Grupo Nzinga ao longo do projeto Re-conexiones Territoriais.

Brendha Vlazack



Brenda nasceu, e não nasceu no corpo errado, essa não é a fala. (..) Porque o meu gênero não está em órgãos. Não está em vagina nem em pênis, está no coração, está na mente, está na alma.

[link para a entrevista](#)

Vita da Silva

“ Eu não entendo a transição como um fim, mas como um meio. Eu não terminei de transicionar, eu não acredito que essa transição tem fim, acho que ela só tem fim quando a gente morre, e quando a gente morre transmuta pra outra coisa. Então é constantemente transição, constantemente travessia.



[link da entrevista](#)

GRUNEC e Terreiro das Pretas



“ Ser mulher negra é potência, é bonito, agora, o tratamento que é dado a nós, mulheres negras, aí é que é triste. (...) porque não nos reconhecem na plenitude que nós somos, no ser e na beleza que a gente tem.

(Valeria Neves Carvalho, fundadora do Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC)

[link da entrevista](#)

Filha da Terra

por Kaline Jacó Siqueira

"Há tanta beleza na infinidade de ser semente..."

Germinalar vida, morrer grão,

crescer raiz.

Sustentar a existência dos que se movem sobre a terra



alimentando por gerações os que conhecem
a distância entre o plantio e a colheita
E celebram na fartura
o fim da seca, da fome, do aperreio."

**mais relatos do
Grupo Nzinga**

Hino do Coco

Barra do dia a flor do ar
Eu vou subir a serra, vou tirar maracujá

Meu benzinho tire eu, tire eu, tire eu
Meu benzinho tire eu da cequeira de acolá

Biografías

Catarina Duncan (Rio de Janeiro, Brasil)

Atua como curadora com foco em práticas culturais e identidades territoriais da América Latina. Formada em Culturas Visuais e História da Arte pela Goldsmiths College, University of London (2010 - 2014). Atualmente é curadora do Solar dos Abacaxis. Em 2021 recebeu a bolsa de pesquisa curatorial da Fundação Patricia Phelps de Cisneros no MoMa com o projeto 'Re-conexões territoriais'. Integrou a equipe curatorial da 32ª Bienal de São Paulo, 'INCERTEZA VIVA' (2015 - 2016), do 36º Panorama de Arte Brasileira: SERTÃO (2019), do 'Pivô Arte e Pesquisa' (2014-2015) e da exposição 'Terra Comunal Marina Abramovic' no Sesc Pompéia (2015). Foi curadora da programação pública da obra 'Cura Bra Cura Té' de Ernesto Neto na Pinacoteca (2019) e da 'Plataforma Crítica' na Oficina Brennand (2020). Foi representante do projeto 'Terceiro Paraíso' de Michelangelo Pistoletto na América Latina (2019 - 2021) e do programa COINCIDÊNCIA da fundação suíça Pro Helvetia (2017 - 2020). Participou das residências artísticas 'Arafura' no México (2021), 'Residents Art Dubai' (2019), 'Lastro Travessias Ocultas' na Bolívia (2016-2017) e 'Lastro Centro América' na Guatemala (2015-2016).

coletivo amasijo

coletivo amasijo é um movimento que nasce em 2016, na Cidade do México, formado por mulheres de diferentes idades, profissões e partes da República, que entendem que, através da cozinha coletiva, é possível cuidar do território, das relações e de si mesmas. Acreditam que, celebrando a diversidade e contando com os círculos da natureza, podem repensar a cultura da escassez. Para isso, ouvem narrativas não dominantes, narrativas de pessoas próximas à terra que também ajudam a medir o custo real das mudanças climáticas e mostram o caminho para a regeneração. Tornar visível a interdependência de língua, cultura e território é um ato cotidiano do coletivo para compreender a comida como uma rede de inter-relações, e não como mera mercadoria. Estão interessadas em des-hierarquizar o conhecimento e reintegrar fazeres e saberes que foram rasurados.

Aureliana Campechano é dançarina de fandango desde os oito anos. Ela, Sarita e Leticia, foram as encarregadas de acompanhar os fandangueros da região e revitalizar o huapango nos anos 1990. Seu desejo é retornar a El Salto para fundar o espaço com Lety e Sarita.

Carmen Serra é cofundadora do coletivo amasijo, membra do patronato da Fundação Tamayo e possui formação em literatura latino-americana. Elaborou diversos projetos culturais em museus e fundações no México, além de ter servido como adida cultural desse mesmo país na Índia e no Peru. Dá aulas de pesquisa no CENTRO, design, cinema e televisão.

Leticia Campechano Paz possui formação em administração de empresas pelo TEC de Monterrey e é dançarina de huapango desde os sete anos de idade. Estudou canto e música, utilizando-os durante suas apresentações nos huapangos. Dentro do coletivo, é responsável por mapear as produtoras de alimentos e medir seu impacto.

Martina Manterola é economista formada pelo ITAM e possui diploma em sistemas agroflorestais. Especializou-se em analisar como a hierarquia do conhecimento se traduz em perdas de fazeres e saberes. Investiga conhecimentos não hegemônicos e integra a rede de amasijo para mapeá-los a partir do projeto “sistemas complexos da vida cotidiana”.

Rosalía Campechano Paz é cofundadora do coletivo amasijo, período durante o qual integra pesquisas sobre os ritmos de seu território nos pratos que prepara. Sua prática de cozinhar é oriunda dos fazeres e saberes que lhe foram transmitidos por sua avó, tias e irmãs. Coordena o setor de celebrações do coletivo e faz os vínculos com o território de Veracruz.

Sarita Paz Campechano é co-fundadora do coletivo amasijo e dançarina de huapango desde os seis anos. Neta da Mamaelena, parteira do Salto de Eyipantla, é quem mais preserva o conhecimento das ervas e plantas medicinais. Está em processo de criação de um espaço em El Salto para dar aulas de huapango, assim como atender mulheres vítimas de violência doméstica.

Mujeres Creando

Mujeres Creando é um movimento anarco-feminista autônomo e autogerido fundado em 1992 em La Paz, Bolívia. Trata-se de um movimento independente de partidos políticos, ONGs, igrejas e seitas. Formado por mulheres de diferentes origens culturais e sociais, o mote reflexivo de seu grafite “Índias, putas e lésbicas juntas, revoltas e irmanadas” constitui o principal sujeito político, a partir do qual elas partem e se organizam. Elas abordam a criatividade como um instrumento de luta que pode ser visto em suas diferentes manifestações políticas, estéticas e criativas, bem como em sua própria produção do pensamento feminista. Realizam a gestão concreta de duas casas na Bolívia, onde criam e administram uma série de iniciativas para a sociedade e as mulheres bolivianas, como a gestão de uma rádio independente e um serviço gratuito de produção de justiça para mulheres que sofrem violência machista; entre outras iniciativas autogestionárias.

Danitza Luna é integrante do Mujeres Creando, feminista, ilustradora e designer gráfica, com formação em Artes Plásticas pela Universidad Mayor de San Andres. Desenvolveu a segunda versão escultórica da estatueta de “La Ekeka” do Mujeres Creando, é autora e diretora das Oficinas Gráficas Feministas e coautora do Milagroso Altar Blasfemo junto a Esther Argollo e Maria Galindo.

Emiliana Quispe é integrante do Mujeres Creando, chola, nascida na comunidade de Guaqui. Cozinheira e radialista, formou-se na Primeira Escola de Hotelaria e Turismo da Bolívia. No coletivo, é responsável pela Cooperativa de Almoço da Virgem dos Desejos, além de apresentar e produzir o programa de rádio “Cozinha que dá sabor à vida”.

Julieta Ojeda é integrante do Mujeres Creando, feminista, anarquista e antilicenciada. Participa de uma luta ativa e comprometida pela descriminalização do aborto na Bolívia há mais de duas décadas e contribui como coapresentadora e produtora do programa de rádio “Nem o útero aberto, nem a boca fechada”.

Grupo Nzinga

Grupo Nzinga - Novos Ziriguiduns Internacionais e Nacionais Gerados nas Artes Visuais, intitulado a partir do nome da rainha guerreira angolana Nzinga, foi fundado por Renata Felinto na Universidade Regional do Cariri - Ceará como espaço de encontro e pesquisa de memórias coletivas do território, de tradições populares e da produção artística contemporânea de mulheres afro-indígenas. A coletividade segue três princípios básicos - as relações de equidade nas narrativas da história das artes visuais, a pesquisa do protagonismo feminino nas memórias negras do Atlântico e a qualidade feminina da palavra Nzinga, bem como a biografia da rainha que norteia as investigações propostas pelo grupo no sentido de dar visibilidade às produções de mulheres nas mais diversas frentes, assim como ao pioneirismo ainda não evidenciado pela historiografia ou narrativa oficial.

Andréa Sobreira possui licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e, entre 2018-2019, atuou como professora substituta de artes gráficas na mesma instituição. Realizou exposição individual no Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri - CCBNB (2013-2014), foi artista convidada da III Bienal do Norte (2018) e participou do Salão de Abril, em Fortaleza (2019).

Cícero Darlan possui licenciatura plena em letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e é especialista em língua portuguesa e literatura brasileira pelo Centro Universitário de Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO). Atualmente é mestrando em letras pela URCA, membro do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte e do Coletivo Obará Mejí.

Eliana Amorim é retirante, artista visual, pesquisadora, arte-educadora e produtora cultural. Possui licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e é co-líder do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguindus (Inter)Nacionais Gerados nas Artes. Integra o coletivo Artivistas Karetas com Prekito (Crato-CE) e o coletivo Nacional Trova (Brasil).

Fatinha Gomes é formanda em Música pela Universidade Federal do Cariri, cantora, compositora, pesquisadora e fundadora do projeto Reinventário de Cantoras: Um olhar para o canto das Guerreiras Cariri e do grupo Cantando Marias, que reverencia a memória da música tradicional preservada pelas cantoras negras e indígenas da região.

Franklin Lacerda é artista visual, professor, pesquisador e curador independente. Tem sua prática atravessada pelas temáticas da memória e do tempo e desenvolve sua produção a partir das linguagens da gravura, da fotografia e do audiovisual. É membro do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte, integrante do Grupo XICRA e diretor do Averso Escritório de Arte.

Jaque Rodrigues é artista multilinguagem, licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), membra do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte, integrante e atuante no Coletivo Iamís Kariris, cantadeira no Projeto Musical Cantando Marias, fotógrafa independente e idealizadora do Projeto @fotografasnegras.

José Wesley é estudante, pesquisador e artista/professor em formação, graduando no curso de licenciatura em Artes Visuais na Universidade Regional do Cariri (URCA). Atualmente é bolsista de pesquisa PRPGP-fecop e membro do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte, liderado pela professora Dra. Renata Felinto.

Kaline Siqueira é cearense, natural de Crato, filha das terras Kariris. Formada em Psicologia pela UNILEÃO - Centro Universitário e pós-graduada em Políticas Públicas em Saúde Coletiva pela Universidade Regional do Cariri (URCA), integra o Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte e a Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas (RENFA).

Leidiane Santos Pereira é mulher negra, mãe, cientista social em formação pela Universidade Regional do Cariri (URCA) com pesquisa sobre empregadas domésticas. Integra o Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte e o Coletivo Cantando Marias e defende os direitos e a vida dos/das pretos e pretas do Cariri.

Maria Macêdo é artista multidisciplinar, educadora e pesquisadora. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), co-íder do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte, pesquisadora no projeto YABARTE. Evocando a força ancestral e ficcional da vida no campo, encontra nas vivências na terra o caminho que guia o seu fazer artístico.

Mestra Edite é agricultora, dançarina, fundadora do Coco da Batateira e Tesouro Vivo da Cultura Cearense. Atua, desde a década de 1955, no Bairro Batateira da Cidade de Crato, no Ceará, onde dissemina a tradição do Coco de Roda para grupos de mulheres e crianças.

Mestra Zulene Galdino é cantora e compositora, sucessora do seu pai nas tradições de Lapinha, Maneiro Pau, Bumba meu boi e Quadrilhas Juninas desde a década de 1970. Atualmente reside na cidade de Crato, no Ceará, onde desenvolve trabalhos com crianças e adolescentes da sua comunidade, no Sopé da Chapada do Araripe.

Paulo Bruno é um artista cearense-caririense, ilustrador e autor de histórias em quadrinhos. Membro do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte e colaborador na coletânea independente em quadrinhos Linha Alternativa nº 2 (2017) e nº 3 (edição com indicação ao Troféu HQMIX, 2018) pelo Coletivo Estação 9.

Renata Felinto é artista visual, doutora e mestra em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP. Especialista em Curadoria e Educação em Museus de Arte pelo Museu de Arte Contemporânea da USP. Professora Adjunta da Universidade Regional do Cariri (URCA) e líder do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte.

Wandelyson Santos é fundador do projeto Quebrada Cultural e do Laboratório de Estudos e Criação - Bixórdia, que busca fomentar a produção estético-artística de artistas LGBTI+/dissidentes do Cariri cearense. Formado em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), integra o Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados nas Artes.

agradecimentos

a todas as mestras e avós,
a todas as integrantes e companheiras de luta

Ana Castella, Bernardo Mosqueira, Camila Marambio, Claudio Bueno, Emilia Duncan, Enrica Duncan, Ernesto Neto, Jochen Volz, Lourenço Parente, Max Jorge Hinderer Cruz, Marilia Loureiro e Patrícia Monte-Mor

Alejandro Paz, Ana Castella pelo vínculo, Andrea Belli, Cristina Consuegra por cozinhar e dançar conosco, Doña Mercedes, Estela Paz, Guillermina Campechano, Guillermina Paz, Marciano Campechano por cantar conosco, Olivia Quino, Pablo Escoto por filmar, Pablo Málaga, Paty Paz, Rosalba Paz, Sarai Paz, Uzyel Karp, Vicky Covix e Víctor Dorantes por nos fazerem chegar.



Fotografias

Páginas 19, 20, 21 e 22, 26

Martina Manterola y Pablo Escoto

Páginas 30, 34, 35, 36, 37, 40, 41

Fotografias disponibilizadas por Mujeres
Creando

Página 43

Jaque Rodrigues

Página 47

Catarina Duncan, Wandealyson Landin
e Jaque Rodrigues

Página 49

Wandealyson Landin e Jaque Rodrigues

Página 55

Jaque Rodrigues, Maria Macêdo
e Wandealyson Landin

Página 56

Kaline Jacó Siqueira

Ficha técnica

Curadoria e desenvolvimento:

Catarina Duncan

Produção:

Rosa Melo e Giulia Ferrão

Identidade Visual:

Vânia Medeiros

Assistente curatorial:

Andressa Rocha

Tradução e revisão:

Carmen Cáceres, Steve Berg,
Susan Homer, Yudi Rafael

ISBN: 978-65-00-38173-3

Brasil - Bolívia - México

2021